



## A posse da palavra é a posse do corpo: relações entre *poetry slam* e empoderamento negro

### *The Possession of the Word is the Possession of the Body: Relations Between Poetry Slam and Black Empowerment*

Karine Aragão dos Santos Freitas

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

karinearagao@letras.ufrj.br

<http://orcid.org/0000-0003-4859-8497>

Talita Rosetti Souza Mendes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

talita.rosetti@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2281-2723>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar *slam poetrys* produzidos por Mel Duarte, por Gabrielly Nunes (Gabz) e por Cleyton Mendes, poetas contemporâneos participantes ativos de Rodas, de Encontros e de Festivais em que essa manifestação artística é, internacionalmente, fomentada em coparticipação com o público. Para elaboração do texto, parte-se do princípio de que novos espaços de fala são novos espaços de escuta e de que o *poetry slam* é, segundo a *slammer* e produtora cultural Mel Duarte (2019), um lugar poético-político e democrático, que tem como principal conceito a liberdade de expressão e o livre diálogo como uma ferramenta para construção de novos horizontes. Essa possibilidade de diálogo, associada à reconfiguração dos lugares cristalizados de fala (colonizador) e de escuta (colonizado), atravessa as discussões acerca do empoderamento de grupos subalternizados, em seus processos de autoafirmação, de autovalorização, de autorreconhecimento e de extravasamento de demandas sociais sufocadas. A partir das análises, ressalta-se que o *poetry slam* marca a insurreição de um corpo – individual e coletivo – que busca a palavra como instrumento de luta e de empoderamento, sobretudo, de grupos negros e periféricos.

**Palavras-chave:** *poetry slam*; empoderamento negro; corpo; voz; escuta.

**Abstract:** This article aims to analyze *slam poetry* produced by Mel Duarte, by Gabrielly Nunes (Gabz) and by Cleyton Mendes, contemporary poets who are active participants in spaces in which this artistic manifestation is, interactively, fostered in co-participation with the public. To prepare the text, it is assumed that new spaces of speech are new spaces of listening and that poetry slam is, according to slammer and cultural producer Mel Duarte (2019), a poetic-political and democratic place, which its main concept is freedom of expression and free dialogue as a tool for building new horizons. This possibility of dialogue, associated with the reconfiguration of the crystallized places of speech (colonized) and listening (colonized), crosses discussions about the empowerment of subaltern groups, in their processes of self-affirmation, self-valorization, self-recognition and overflow of social demands suffocated. From the analyses, it is emphasized that the *poetry slam* marks the insurrection of a body – individual and collective – that seeks the word as an instrument of struggle and empowerment, above all, of black and peripheral groups.

**Keywords:** poetry slam; black empowerment; body; voice; listening.

## 1 Reflexões iniciais sobre o *Poetry Slam*

No prefácio do livro *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), a escritora Conceição Evaristo nos convida a refletir sobre o *poetry slam* como o lugar em que as falas de diferentes mulheres se encontram no que está dito, no que está escrito. Considerando a invisibilização e o silenciamento impostos à mulher negra como criadoras/ produtoras de cultura, a antologia de poemas-grito, organizada por Mel Duarte<sup>1</sup> – uma importante referência contemporânea nos festivais nacionais

---

<sup>1</sup> Embora Mel Duarte seja um nome conhecido no contexto do *poetry slam*, sua atuação como escritora e como movimentadora cultural ainda não alcançou grande expansão pública dentro do debate social geral e acadêmico. Por isso, vale trazer alguns pontos básicos de sua biografia. Mel Duarte é escritora, poeta, *slammer* e produtora cultural. Nasceu em 1988, em São Paulo (SP), e atua/trabalha com literatura desde 2006. Publicou os livros *Fragmentos Dispersos* (2013), *Negra Nua Crua* (2016, editora Ijuma), traduzido para o espanhol *Negra Desnuda Cruda* (2018, Ediciones Ambulantes, Madrid, ES), *As bonecas da vó Maria* (2018, Itaú leia para uma criança), *Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta* (2019, Editora Planeta), *A descoberta de Adriel* (2020, Itaú leia para uma criança) e o mais recente *Colmeia: Poemas reunidos* (2021, Editora Philos). Em 2016, Mel foi destaque no sarau de abertura da FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty) e foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam (campeonato internacional de poesia falada). Em 2017, foi convidada a representar a literatura brasileira no Festilab Taag, em Luanda, na Angola. Em 2019, foi a primeira *slammer* negra brasileira a lançar um disco de

e internacionais de *poetry slam* – representaria a posse da palavra, a posse do próprio corpo. Corpo esse que performa, que encena, que transborda os limites gráficos do poema e alcança o ritmo sensível da voz, da entonação. Nesse sentido, o *poetry slam* marca a insurreição de um corpo – individual e coletivo – que busca a palavra como instrumento de luta e de empoderamento.

Destaca-se, tanto no prefácio de Evaristo como na apresentação do livro, feita pela própria Mel Duarte, a caracterização do *poetry slam* como um espaço de comunhão, de ressonância retroalimentada entre o indivíduo e a sociedade. Isso porque é justamente durante essas performances de microfone aberto que ecoam temas políticos e sociais, exigindo do público a interatividade dos aplausos, das vaias e até das notas, para quem é escolhido como júri, sem prévio aviso, minutos antes do início do evento. Como as *griots*<sup>2</sup> da contemporaneidade, as quinze *slammers*<sup>3</sup> que compõem essa antologia revivem, pela oralidade, uma ancestralidade que revela o legado da opressão, mas também da beleza, da força, da resistência e, sobretudo, da ruptura diante dos limites impostos pela colonização, pela escravização, pelo racismo, pela misoginia e, enfim, pela perspectiva de mundo eurocêntrica. O *poetry slam*, nesse sentido, materializa um percurso de (des)limitação intrínseco à palavra poética.

Nesse movimento de expansão, de metáforas que transcendem a grafia, de corpos sem bordas que se autorrepresentam, é interessante notar como essas *slammers* – e as editoras que as publicam – utilizam a plataforma *YouTube* para lerem/divulgarem seus poemas em voz alta, o que acaba por desenhar uma estratégia artística de manutenção da presença do corpo e da voz nos processos de criação, de circulação e de recepção do *poetry slam*,

---

poesia falada intitulado “Mormaço – Entre outras formas de calor”, disponível em todas as plataformas musicais. Também integrou durante quatro anos a coletiva Slam das Minas SP, batalha de poesias autorais voltada ao gênero feminino e, durante seis anos, o coletivo “Poetas Ambulantes”.

<sup>2</sup> A analogia entre a figura do *griot* e das *slammers* é possível ao se considerar similar, entre os dois, a manutenção da tradição oral como possibilidade de perpetuação da história de um povo.

<sup>3</sup> Participam da antologia *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*: Anna Suav, Bell Puã, Bor Blue, Cristal Rocha, Dall Farra, Danielle Almeida, Laura Conceição, Letícia Brito, Luiza Romão, Luz Ribeiro, Mariana Felix, Meimei Bastos, Negafya, Roberta Estrela D’Alva e Ryane Leão.

quicá um movimento de contracultura à permanência de uma certa noção de poesia, cercada pelo academicismo clássico – sua rigidez formal, sua racionalidade, seu afastamento entre o eu-sujeito e o eu-poético – e pelo conservadorismo das possibilidades de circulação.

Como afirma Daniela Silva de Freitas, em sua tese de doutorado, intitulada *Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea*:

Na slam poetry, a poesia deixa o ambiente acadêmico, abandona os circuitos tradicionais de curadoria e de produção de sentido, flerta com a canção popular e torna-se uma prática coletiva e, como tal, se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central. O significado dos poemas se constitui tanto através da narrativa em primeira pessoa sobre a experiência do/a slammer (narrativa que ele/a escreve e, desejavelmente, memoriza antes do evento, raramente improvisa como nas batalhas de MC's), da voz e do corpo do/a poeta, quanto da relação com a voz, o corpo e as histórias do público que ouve (Freitas, 2018, p. 95).

Em uma realidade de cibercultura<sup>4</sup>, o livro impresso se torna apenas uma forma de propagação da poesia. No canal do *YouTube* da editora Planeta de Livros Brasil, por exemplo, Mel Duarte nos faz ouvir o poema “Se querem nos calar, vamos falar mais alto”, presente na antologia supracitada:

aqui estamos nós  
donas de nossas próprias palavras  
revolucionárias do cotidiano  
regando a terra outrora batida por nossas antepassadas  
firmando nossas pegadas sabendo que hoje  
cada vez que nossa fala se propaga  
equivalem há dez que antes foram silenciadas  
mulheres de uma geração atrevida

---

<sup>4</sup> Entende-se, aqui, a importância de ressaltar o contexto de cibercultura de acordo com a definição de Pierre Lévy: “o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. [...] Estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.” (Lévy, 1999, p. 16)

filhas dos saraus e das batalhas de poesia  
alquimistas, libertárias,  
propagandistas da oralidade  
compartilhando nossa travessia  
bradando nossa realidade  
sempre semeando essa terra  
verbo fértil  
perpetuando nossa existência  
através de versos  
escrevemos quantos poemas-manifestos forem necessários por dia  
pra cada vida interrompida ter mais valia  
não mais invisíveis  
não mais mercadoria  
se querem nos privar, ocuparemos espaços  
se querem nos apagar, escreveremos livros  
se querem nos calar, vamos falar mais alto  
(Mel [...], 2019)

Os versos de Mel Duarte traduzem um entendimento lúcido quanto à sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor: é necessário bradar a sua realidade para interromper o ciclo de silenciamento, de invisibilidade. A aproximação entre o eu-poético e o eu-sujeito – mulher negra – permite que percebamos a voz de Mel Duarte como alguém que se apresenta a partir de um “nós”, com uma fala resistente, revolucionária, atrevida, que ecoa da ancestralidade, da referência prestada a suas antepassadas, às pegadas que estão pelo chão. Nessa travessia de tomada da palavra, da oralidade, do verbo fértil, que se inicia nos saraus e nas batalhas de poesia, sua criação se torna um poema-manifesto que ocupa espaços. O poema-performance de Mel Duarte, mais do que “compartilhar uma história de opressão, dá a conhecer caminhos de luta percorridos nessas opressões” (Gonzalez, 1988, p. 71).

Ainda no que cabe às reflexões sobre as formas de circulação do *poetry slam*, é notório o importante papel de divulgação a partir dos canais do *Youtube* dos próprios festivais, onde reúnem as gravações das competições. Por vezes, é a partir dessas plataformas que os/as *slammers* se tornam conhecidos/as para além desses festivais. Alguns exemplos

são os canais do tradicional “Slam das Minas”<sup>5</sup>, o canal do “Slam da Guilhermina”<sup>6</sup> – o 2º Poetry Slam do Brasil que reúne, mensalmente, mais de trezentas pessoas em uma praça a céu aberto na Vila Guilhermina – Zona Leste Paulistana, desde fevereiro de 2012, e o canal da “Grito Filmes”<sup>7</sup>, produtora independente que organiza, anualmente, campeonatos de *slam*. Foi justamente ao vencer a batalha de 2017 do “Slam Grito” que Gabz – Gabrielly Nunes – integrou-se mais intimamente ao contexto do *slam*. Na ocasião, Gabz tinha 18 anos e era recém-chegada ao universo das batalhas de poesia no Rio de Janeiro. Considerada novata, conquistou o júri na Praça Mauá com o poema-performance abaixo que, posteriormente, em 2019, foi também apresentado no TEDx São Paulo<sup>8</sup>:

Se pelo menos eu soubesse  
 Meu verdadeiro sobrenome  
 Meu país, minha terra  
 Ah, se eu soubesse, já era  
 Se minha carne fosse vista diferente  
 Se seu olhar fosse mais inocente  
 Se eu não tivesse que ser forte  
 Nem dependesse da sorte  
 Se antes do diabo que me pintam por ser o que sou  
 Ou da deusa que cultivam pelo mesmo motivo  
 Eu fosse pessoa, pessoa antes de mulata  
 Se eu não tivesse que falar na lata  
 E se eu não tivesse que gritar  
 Ainda ia ter graça me ver sangrar?  
 E se eu quisesse me vingar?  
 Ou cês acha que nós não lembrava  
 Do estupro da escrava?  
 Que cês ainda comemoram a ação

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/channel/UCvpYWn9C\\_xv7ebfLflhip3g](https://www.youtube.com/channel/UCvpYWn9C_xv7ebfLflhip3g). Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/c/SlamdaGuilhermina>. Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCAXJDHJtf8eYwW88lzJiFEw>. Acesso em: 14 mar. 2023.

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_yN0UtIBJCw](https://www.youtube.com/watch?v=_yN0UtIBJCw). Acesso em: 14 mar. 2023.

Porque o resultado: A linda miscigenação  
Ou cês acha que nós esquece  
A tragédia dos mec mec  
Que termina lá no Cytotec?  
Sim, aborto  
A pergunta agora é se o feto era vivo ou morto  
E ela?  
Crucificada aos 16  
Sem a ajuda de nenhum de vocês  
Sozinha  
Pedindo aos céus ajuda de mainha  
Mas aqui só tinha inferno  
E o julgamento é eterno  
Se não vai pra prisão, pode ir pro valão  
Taxada de puta na televisão  
Pra nós, ninguém reserva oração  
Tudo preto, sem bandeira branca na trama  
Cê já sentiu negra drama?  
Ou tu só respeita se for da família?  
Pede bênção pra mãe e não assume a filha  
É que cês não gosta de mulher, cês gosta é de buceta  
De preferência branca, mas com bunda de preta  
Até serve comer mulata, mas se for a que te acata  
E os mano sempre diz que são todo errado  
E aí quer pagar de aliado  
Mas cês tem que entender nosso lado  
Nós não atura papo de mandado  
Porque o papo não faz curva, aqui o papo é reto  
Cê vai se arrepender de me fazer de objeto  
Eu não tô aqui pra fazer seu membro ficar ereto  
Não se esqueça, aqui é muita treta  
Se teu pau é Ku Klux Klan, minha buceta é Pantera Negra  
É que eu não aguento mais, será que um dia tem paz?  
Ou será sempre mais um jaz?  
No cais, sinto o horror do Valongo  
Quilombo dor, é o combo do meu horror  
Mas você não me parou  
Uns morto na matéria, mas vivo na memória

Eu canto aqui é pra lembrar essas história  
Em meio ao caos nós vai encontrar a glória  
Em meio a tanta luta nós vai chegar na vitória  
É que eu tenho minha raiz, minha base pra ser feliz  
Eu invado, eu não me encaixo  
E você ainda se acha muito macho?  
Mas nunca viu rastro de cobra, nem couro de lobisomem  
Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come  
O que eu passei na vida, cês não sabe como é  
Pra viver na minha pele, neguin, tem que ser muito, mas muito mulher!  
(Vencedora [...], 2017)

A voz de Gabz prima na subversão da lógica dominante, patriarcal, eurocêntrica e acadêmica, voltando-se à composição de novas subjetividades. Já de início, problematiza a questão da ascendência da negritude, da sua ancestralidade roubada, sequestrada, em uma imposição de apagamento de seu passado, de suas referências familiares. Gabz caminha por temas constantemente presentes no debate político, como a objetificação/sexualização da mulher negra – “Eu fosse pessoa, pessoa antes de mulata” –, a crítica à visão romantizada da miscigenação racial no Brasil, resultado de estupros – “Ou cês acha que nós não lembrava/Do estupro da escrava?/Que cês ainda comemoram a ação/Porque o resultado: A linda miscigenação” – e o aborto realizado por jovens em situação de vulnerabilidade social, sem assistência hospitalar – “A tragédia dos mec mec/Que termina lá no Cytotec?/Sim, aborto/A pergunta agora é se o feto era vivo ou morto/E ela?/Crucificada aos 16/Sem a ajuda de nenhum de vocês”. As referências culturais, históricas e espaciais (Rio de Janeiro) compõem o quadro imagético dessa performance marcada pela provocação dos gestos e da voz: Ku Klux Klan, Pantera Negra, Cais do Valongo, Quilombo.

O corpo, o olhar, a voz, em constante movimento, ganha aplausos da plateia quando surpreende e explode de maneira taxativa: “É que cês não gosta de mulher, cês gosta é de buceta/De preferência branca, mas com bunda de preta”. Os versos de Gabz contestam, em sua construção, um padrão de elaboração poética que guarda uma aversão estética destinada a termos como “buceta” e “cês”, que são, na tradição literária, considerados como expressões da linguagem vulgar, cotidiana. Em uma apreensão elitizada da



poesia, não caberia a presença tão direta do corpo que, de tão forte, deságua em palavras que não fazem a curva.

A marcante presença dos gestos e da voz da *slammer*, durante a apresentação, faz lembrar a proposta de Stuart Hall, teórico cultural e sociólogo jamaicano-britânico, em “Que negro é esse na cultura popular negra?” (2003), uma vez que, nesse texto, pontua a existência de questões profundas de transmissão e de herança cultural, de relações complexas entre as origens africanas e as dispersões irreversíveis da diáspora, que são materializadas nas inovações linguísticas, na estilização retórica do corpo, nas formas de ocupar um espaço social alheio, nas expressões potencializadas, nos estilos de cabelo, nas posturas, nos gingados e nas maneiras de falar, bem como nos meios de constituir e de sustentar o companheirismo e a comunidade.

Inserida nessa herança cultural, para Gabz, “o papo é reto”. O *poetry slam* é a voz em eco de corpos-margem, de corpos-periferia, de corpos em grito, não só atuando no interstício entre os suportes oral, escrito e visual, mas também tensionando os limites entre literatura e música, poesia e vida, arte e ativismo, presencial e *online*. Como acadêmicas que se debruçam em estudos e em escutas, nos posicionamos, assim, a ouvir esse grito para, em movimento decolonial, também multiplicarmos sua ressonância.

## 2 Novas vozes, novas escutas

Novos espaços de fala são novos espaços de escuta. Para Mel Duarte (2019), o *poetry slam* é um lugar poético-político e democrático, que tem como principal conceito a liberdade de expressão e o livre diálogo como uma ferramenta para construção de novos horizontes. Essa possibilidade de diálogo, associada à reconfiguração dos lugares cristalizados de fala (colonizador) e de escuta (colonizado), atravessa as questões acerca do empoderamento de grupos subalternizados, sobretudo os que vivenciam experiências relacionadas à diáspora negra, em seus processos de autoafirmação, de autovalorização de autorreconhecimento e de extravasamento de demandas sociais sufocadas. É fundamental ressaltar que o percurso do empoderamento, segundo a professora feminista norte-americana Nelly Stromquist (2002), consiste de quatro dimensões, cada uma igualmente importante, mas não suficiente por si. São elas: a cognitiva (visão crítica da realidade), a psicológica (sentimento de autoestima), a política

(consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e de se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente).

Propondo uma analogia entre o conceito de Stromquist (2002) e alguns temas comuns a esses poemas-performance (declamados ou gritados ou lidos), no tradicional “Slam da Guilhermina”, citado anteriormente neste trabalho, destacam-se as múltiplas performances que refletem sobre o lugar cognitivo, psicológico e político do cabelo frisado<sup>9</sup>. Em outubro de 2017, o *slammer* Cleyton Mendes – que se coloca em seu *feed* do *Instagram* como carteiro, poeta, escritor e apresentador – foi campeão final da batalha com o poema-*slam* “Crespow”, transcrito abaixo.

Poeta Akins Kinte já falou  
 Mas eu volto a repetir  
 Que duro não é o cabelo  
 Duro é o seu preconceito  
 Que tenta nos reprimir  
 Não existe cabelo duro  
 Deu pra entender?  
 O que vocês estão vendo aqui  
 São raízes prestes a florescer  
 Duro?  
 Duro é o chão, é pedra, parede, madeira  
 Meu cabelo não!  
 Meu cabelo é pura capoeira  
 Pronto pra gingar e, queira ou não queira, ele vai afrontar  
 Meu cabelo é diáspora, forte como baobá  
 E se for preciso o seu eurocentrismo tipo,  
 Mohamed Ali vai nocautear  
 E se libertar... desse padrão  
 Pois meu cabelo não é duro, meu cabelo não é ruim  
 Pelo contrario meu cabelo é muito bom!  
 Duro?  
 Duro é ter que aturar piada racista

<sup>9</sup> Inicialmente, este trabalho fazia uso do termo “cabelo crespo”. No entanto, após a leitura do artigo “Meu cabelo não é duro, meu cabelo não é crespo”, de Ana Carolina Oliveira dos Santos, para o Portal Geledés, optou-se pela expressão “cabelo frisado”, como sugere a colaboradora do Portal. Cf. Santos (2019).

Duro é meu cabelo ser o motivo por eu não passar na entrevista  
Duro é nossas crianças quererem ser a  
Barbie sem nem conhecer Abayomi  
Duro é nossos heróis, em tese, nem existir  
Dura é beleza renegada, duro é a opressão  
Dura é menina apedrejada por causa da religião  
Duro?  
Duro é eu ser sempre vítima das balas perdidas, das estatísticas, dos  
enquadros  
Duro é ver youtubers brancas dando dicas de como deixar o cabelo  
mais cacheado  
Duro?  
É todos os dias ter que escutar “como você faz pra dormir?” “como  
você faz pra lavar?”  
“Seu cabelo é bonito, mas já tentou alisar?”  
Duro é os seus negócios, sua química, a sua “solução”  
Duro é ver as nossas rainhas além de flertarem com alisantes,  
chapinha, flertarem também com a depressão...  
Tudo isso é duro, o meu cabelo não!  
Então!!! Eu vou gritar, feito um desvairado (pra encorajar mais irmãs  
e mais aliados) PROGRESSIVA NÃO É PROGRESSO!  
Deixemos nossos cabelos armados  
Armados de Africanidades  
Hei!  
Vem comigo esfregar nossos  
Black’s na cara da sociedade!  
Esfrega o dread, a trança, o turbante se preferir  
O importante é a gente estar bem  
O importante é a gente sorrir  
E... meu crespo, minha trança  
Não é adereço, é herança  
É ânsia de ancestralidade  
É afirmação e reconhecimento da minha identidade  
O meu cabelo natural não é tendência  
Meu cabelo natural é resistência  
Mas algumas pessoas não entendem esse fato que é obvio  
Que em cada fio exaltado  
Tem um rio de historia e 100% de amor próprio  
Não existe cabelo duroooo!

Eu vou repetir isso quantas vezes for preciso  
Somos lindos, não precisamos ser lisos!  
Somos lindos, lindas, lindos, lindas...  
E se vier me debochar, perguntar se eu perdi meu pente  
É melhor se preparar, pois é você que vai perder... os dentes  
Pois eu e meu cabelo seguiremos imponentes  
Como se fosse uma vingança  
Pois duro não é cabelo  
Duro é o racismo!  
Duro é a sua ignorância!  
(Cleyton [...], 2020)

Na performance de Cleyton Mendes, muitas questões estão em jogo: a interpretação, a entonação, a corporeidade, a provocação contínua a um interlocutor/a, as proposições que acentuam as características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade, as novas percepções críticas sobre si e sobre o mundo em volta. O cabelo se faz lugar de empoderamento, de resistência individual e coletiva, de protesto e de mobilização que questiona as bases das relações de poder: “Meu cabelo é pura capoeira/Pronto pra gingar e, queira ou não queira, ele vai afrontar”. A reafirmação constante “duro é o seu preconceito”, associada à definição do cabelo como raiz prestes a florescer, corresponde diretamente à dimensão psicológica – estética – do empoderamento. De acordo com Joice Berth (2018), uma boa relação com a autoimagem é uma ferramenta importante de reconhecimento de valores ancestrais, de reafirmação da necessidade de aprofundamento na busca pelo autoconhecimento da história negra e pelo entendimento da condição social de indivíduo negro, em todo significado político que a estética ancestral africana tem.

Nesse sentido, um novo imaginário cultural sobre o cabelo frisado poderia ressignificar o colonial imaginário – feio, duro, sujo – que será abalado e reconstruído. “Sem o fortalecimento da autoestima, não há força para iniciar sequer um processo lúcido de empoderamento.” (Berth, 2018, p. 71). Assim como o pessoal é político, a estética e a construção da autoestima também o são. Relegado, muitas vezes, ao silenciamento compulsório, ao escárnio, à ridicularização, o tema do cabelo frisado tem despertado muita rejeição, inclusive, institucional. Essa conduta revela uma estratégia cultural

de estigmatização da negritude quando intervenções contra-hegemônicas – como o *poetry slam* – ocupam espaços públicos.

Por essa perspectiva, os versos de Cleyton Mendes não tratam a questão capilar como supérflua manifestação identitária, mas como importante contribuição para a reestruturação social a partir das necessidades de grupos minoritários, “tendo em vista o *lócus* social e as experiências que dele emergem” (Berth, 2018, p. 42), por isso são tão importantes os símbolos de resistência: “Vem comigo esfregar nossos/Black’s na cara da sociedade!/Esfrega o dread, a trança, o turbante se preferir”. Muito mais do que expressão de liberdades individuais, o empoderamento pela reafirmação capilar – “PROGRESSIVA NÃO É PROGRESSO!/Deixemos nossos cabelos armados/Armados de Africanidades” – procura romper as estruturas opressoras que impõem fragilidade social à negritude.

As referências culturais – “Meu cabelo é diáspora, forte como baobá/E se for preciso o seu eurocentrismo tipo,/Mohamed Ali vai nocautear” – se misturam às reflexões sobre as palavras cotidianas utilizadas para designar seu cabelo – “Pois meu cabelo não é duro, meu cabelo não é ruim/Pelo contrario meu cabelo é muito bom!”, formando um elo direto entre as imagens críticas que se constroem nos versos e a realidade social concreta. Em uma potente – e empoderada – consciência das desigualdades, a voz do carteiro-poeta questiona a ideia romantizada de democracia racial, de igualdade racial: “Duro é ter que aturar piada racista/Duro é meu cabelo ser o motivo por eu não passar na entrevista”.

A voz pausada e emocionada de Cleyton Mendes ainda toca em temas como o racismo religioso, o genocídio da população negra e a importância da manutenção da ancestralidade como resistência, como (re)existência de base identitária. Os aplausos, os gritos exaltados de aprovação do público acabam sendo um termômetro que mede a temperatura desses assuntos no debate público, seja para indivíduos que se identificam com a autenticidade da voz de Cleyton Mendes, indivíduos que compartilham com ele o grito – “Somos lindos, não precisamos ser lisos!” – seja para aqueles que se colocam em lugar de escuta, pois reconhecem a necessidade de problematização dessas questões, embora elas não os atravessem, diretamente, na pele.

No que tange à dimensão política da percepção desse lugar de escuta, nota-se o quanto essas performances poéticas podem mobilizar e engajar o público, no geral, a transcender os debates que ali são colocados

para outras esferas da vida social – como, por exemplo, a discussão sobre a revisão da Política de Cotas, quando o programa referente ao acesso às 69 universidades federais e aos 38 institutos federais de ensino técnico de nível médio completa dez anos. Por meio desse olhar e a partir de elementos essenciais ao *poetry slam* – como a poesia, a performance, a interatividade, o senso de comunidade, a competição, a ocupação de espaços públicos e o teor provocativo dos temas – é possível estabelecer uma correlação direta entre arte e sociedade, unidas em corpos engajados que produzem vida e poesia.

### 3 Inteligibilidades finais

A partir das análises desenvolvidas neste trabalho, foi possível perceber o *poetry slam* como uma possibilidade artística que, na contemporaneidade brasileira, tem sido ferramenta para reivindicação da tomada do corpo, junto e através da palavra, sendo a posse da palavra a posse do corpo – e vice-versa, em profundo movimento social, cultural, político e estético que possibilita produções de reexistência (Souza, 2009), uma vez que permitem que o sujeito, sobretudo negro, antes, forçado à fragmentação da diáspora e à objetificação fortalecida pelas práticas coloniais, subverta a lógica hegemônica patriarcal, racista e misógina via arte poética.

Por meio dessa prática artística, que tem início na ocupação das ruas, em interlocução direta com o público, e que ganha fôlego nas plataformas digitais, são compartilhadas publicamente não só as gradações de um necropoder (Mbembe, 2018) que tenta aniquilar a população afrodescendente desde a redução do valor de sua imagem física (Xavier, 2021) até a negação da fruição dos direitos básicos, mas também todo o movimento contra hegemônico para desmobilização de opressões seculares. Em Mel Duarte, em Gabrielle Nunes (Gabz) e em Cleyton Mendes, encontramos vozes de resistência contra uma colonialidade (Quijano, 2005) que exprime/impõe visão eurocentrada sobre corpos brasileiros que foram/são subalternizados durante um longo processo histórico que não se encerra em século XXI. Nas obras desses três *slammers*, há tomada do espaço, há exposição do corpo e há disputa pelo direito à palavra, bem como seu exercício em linguagem potente e própria, como possibilidade de discussão acerca de temáticas silenciadas como se buscassem, a cada apresentação, a retirada da máscara de Anastácia (Kilomba, 2008) – objeto de silenciamento, instrumento/símbolo imposto pelo colonizador para execução de políticas

sádicas e para conquista de dominação dos povos escravizados, impedindo, por exemplo, que tivesse posse do corpo e da fala.

Há, nesse movimento, a verbalização das dores e dos orgulhos de ser negro no Brasil, seja pela observação de violências históricas e sociais, seja pela luta em prol da liberdade de ser inteiro, com características físicas que podem e que devem estar no centro do debate público em vistas ao levante e ao resgate da autoestima – elemento que, diretamente, atravessa a vida de todas as pessoas, principalmente pretas, já que, em uma sociedade como a nossa, as leituras raciais também são determinantes em processos de resgates, de buscas, de conquistas.

A posse da palavra e sua respectiva escuta são, nesse sentido, a posse de si, a celebração de um grupo, o reconhecimento de uma produção artística que, em diversos âmbitos, atua no resgate da dignidade humana e na reafirmação de que o fazer literário e o trabalho poético são caminhos que libertam pessoas e coletivos de amarras impostas a partir do grito por novos rumos.

## Referências

BERTH, Joice. *O que é empoderamento?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Feminismos plurais)

CLEYTON Mendes | Crespow | Final Slam da Guilhermina 2017. [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Slam da Guilhermina. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yddc9pq2njk>. Acesso em: 28 jan. 2022.

DUARTE, Mel. Se querem nos calar, vamos falar mais alto *In*: DUARTE, Mel (org). *Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta*. Ilustrações de Lela Brandão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 10-15.

EVARISTO, Conceição. Prefácio *In*: DUARTE, Mel (org). *Querem nos calar: Poemas para serem lidos em voz alta*. Ilustrações de Lela Brandão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 5-10.

FREITAS, Daniela Silva de. *Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea*. 2018. Tese (Doutorado em Literatura, Cultura e Contemporaneidade) – Programa de Pós-graduação em Letras da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2018.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92-93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-elia-gonzales1.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2023.

HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra? In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organizadora: Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 335-349.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção TRANS)

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEL Duarte: “se querem nos calar, vamos falar mais alto”. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (1 minuto). Publicado pelo canal Planeta Livros Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ruMYcvi6g3o>. Acesso em: 14 mar. 2023

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso livros, 2005. p. 114-150.

SANTOS, Ana Carolina Oliveira dos. Meu cabelo não é duro, meu cabelo não é crespo. In: PORTAL GELEDÉS. [S. l.], 03 jan. 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/meu-cabelo-nao-e-duro-meu-cabelo-nao-e-crespo/>. Acesso em: 28 jan. 2022.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de Reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

STROMQUIST, Nelly P. Education as a means for empowering women. In: PARPART, Jane L.; RAI, Shirin M.; STAUDT, Kathleen (Eds.). *Rethinking Empowerment: Gender And Development in a Global/Local World*. London: Routledge, 2002. p. 22-38.



VENCEDORA Slam Grito Filme 2017 “Gabz”. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Grito Filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kZhPvruoeFw>. Acesso em: 28 jan. 2022.

XAVIER, Giovana. *História social da beleza negra*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.